Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

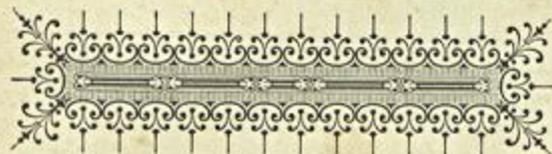
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

13.º ANNO — VOLUME XIII — N.º 422

11 DE SETEMBRO DE 1890

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Ha semanas referindo-me aqui á creação do Ministerio da Instrucção Publica e Bellas Artes fallei do famoso discurso que na Camara dos Pares tinha pronunciado sobre o assumpto o eminente orador e illustre professor Jayme Moniz, discurso que eu não pude ter o delicado prazer de ouvir, mas de que toda a gente fallava com elogio tal, que fez d'elle um verdadeiro acontecimento da nossa terra.

Esse monumental discurso está já impresso; acabo de o ler n'este momento com a sofreguidão com que se devoram trinta paginas maravilhosas, com o enthusiasmo com que se admira uma maravilhosa obra prima.

E effectivamente é uma maravilhosa obra prima, esse discurso monumental, que hade ficar nos annaes do parlamento portuguez entre as suas mais preciosas joias, que hade figurar no futuro como um primoroso modelo da alta eloquencia parlamentar do nosso tempo, da eloquencia que não se escuda apenas no choque harmonioso de palavras sonoras, da elequencia que não se limita a falar por falar, da eloquencia que diz, e que diz muita coisa justa, muita coisa nova, muita coisa boa, muita coisa util!

O discurso de Jayme Moniz é a obra d'um extraordinario talento e d'uma extraordinaria illustração — d'um excepcional orador e d'um trabalhador excepcional.

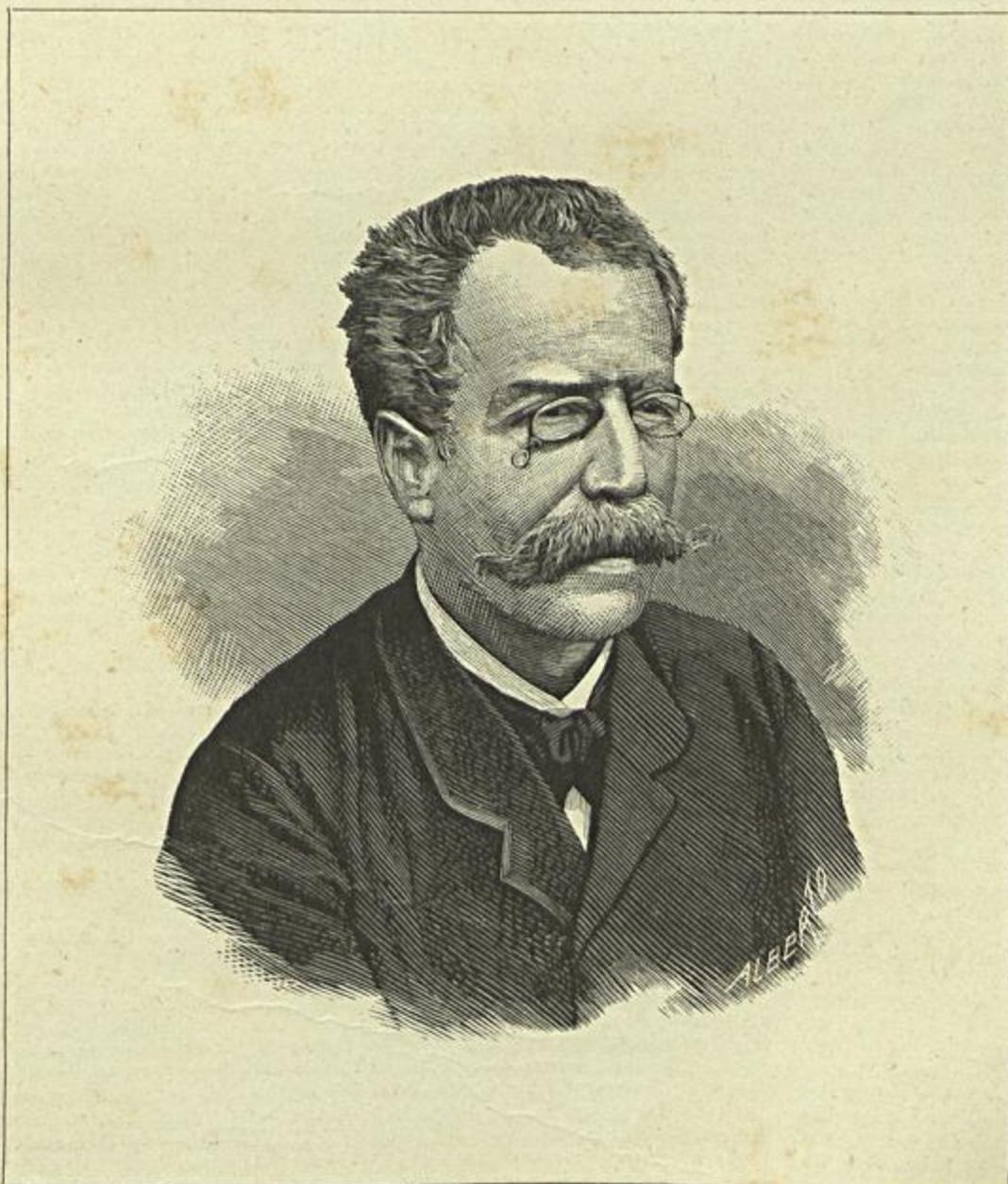
Nas suas trinta paginas resume-se em syntheses brilhantes toda a historia da Instrucção, debatem-se os mais complexos problemas do ensino, apreciam-se, julgam-se; resolvem-se as principaes questões da educação com a critica segura d'um philosopho, com a sciencia pratica d'um estadista.

E é de ver como n'esse magistral discurso se casam n'uma alliança rara e brilhantissima todos os grandes dotes do orador parlamentar, desde a eloquencia que deslumbra, até ao argumento que convence, é de ver como depois de ter feito em periodos refulgentes de talento a apotheose da Instrucção, desfaz n'um sopro, com uma argumentação cerrada e irrespondivel, todas as objecções que se puseram á creação do novo mysterio, é de ver a nitidez, a brevidade, a elegancia de verdadeiro artista da palavra com que em seguida elle historia os effeitos da descentralisação do curso primario, a certeza com que lhe aponta todas as desvantagens, a segurança com que vae buscar as causas e as origens d'essas desvantagens, origens e causas insanaveis dado o nosso modo de ver social, e finalmente a sciencia profunda de mestre eminente com que em dois largos traços gisa o plano completo, geral, do que deve de ser a nossa instrucção publica!

Acabei agora mesmo de ler esse colossal discurso que é a affirmação brilhante e indiscutivel da altissima capacidade scientifica de Jayme Moniz, capacidade aliás tão universalmente reconhecida e respeitada, que dispensava mais provas, e ao mesmo tempo que essa leitura deixou no meu espirito essa admiração profunda que inspiram estes preciosos trabalhos em que á riqueza da licção se junta a impeccabilidade da forma, deixou-me, tambem uma vaga sensação de tristeza e de saudade.

E' que ao ler o Jayme Moniz de hoje, me lembrei do Jayme Moniz de ha vinte e trez annos, é que no discurso parlamentar do par do reino refulgem ainda todos os poderosos dotes de talento, de eloquencia e de elegancia, que no professor do curso superior de lettras foram o encanto da minha mocidade, é que de todos os professores que eu tive em todas as escolas que cursei de nenhum guardei tão enthusiastica, tão fanatica recordação como de Jayme Moniz.

E essa recordação accordou vivissima ao lêr esse discurso que nunca perdoarei ao acaso não m'o ter deixado ouvir pronunciar pelo prestigioso orador, como nunca perdoei a uma angina que me acorrentou na cama n'aquella memoravel noite em que Jayme Moniz defendeu no tribunal da Boa Hora o infeliz Vieira de Castro.

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA

O MAJOR HENRIQUE AUGUSTO DIAS DE CARVALHO, Chefe da Expedição

(Segundo uma photographia)

*
* *

Eu sinto perfeitamente que me estou tornando massador com as reminiscencias dos tempos que já lá vão: sinto-o mas não posso ter mão em mim. Que querem? A culpa não é minha, é dos annos que vão passando, e o desabafo dos velhos, são as recordações da mocidade!

E não pensem que eu quero tomar a *pose* de octogenario: se Deus me der vida e saude basta que d'aqui a quarenta annos a tome com toda a naturalidade então, mas francamente, quando uma pessoa se recorda dos seus tempos de aula, e vê esses tempos já vinte e tres annos lá atraz, perde todo o desejo de brincar com a velhice e tem uma vontade inevitavel, indommavel, de contar historias do seu tempo.

Então do meu tempo do curso superior de lettras ha uma historia que eu estou desconfiado que tenho contado já umas poucas de vezes aqui, ali e acolá, mas que não me canço nunca de contar, porque ella mais que nenhuma outra dá a medida do talento extraordinario de Jayme Moniz e da influencia poderosa, da fascinação, pode quasi dizer-se, que o seu talento exercia sobre os seus discipulos.

Esses discipulos no anno em que eu entrei para o curso, 1867, tinham sido muitos em outubro quando se abriram as aulas, mas foram ficando pelo caminho e em janeiro eramos só quatro os unicos que tinhamos escapado da debandada que as chamadas ás licções tinham feito nas nossas fileiras.

Rebello da Silva era então ministro da marinha, e a sua cadeira a primeira — Historia moderna — era regida por Jayme Moniz, professor proprietario da 5.ª cadeira — *Philosophia da Historia.*

Na cadeira de Historia Jayme Moniz não fazia um cursosinho completo de historia universal como em qualquer lyceu — escolhia uma epoca importante e fazia sobre ella o seu curso.

N'esse anno escolhera para estudo da cadeira as duas grandes revoluções, a Ingleza, e a Franceza — Carlos Stuart e Luiz Capeto.

O assumpto era interessantissimo e tratado com o talento e com a sciencia de Jayme Moniz era um perfeito regalo para os espiritos delicados.

As licções eram á noite, das 7 ás 8 horas e eu por coisa alguma do mundo deixava de ser pontual á aula, não por medo das faltas, mas porque não queria perder uma das licções.

Lia em casa o Guizot, o Luiz Blanc, o Thiers, mas tudo isso era pallido, era insipido, ao lado do brilho e do colorido que esses assumptos tinham tratados pelo Jayme Moniz e por isso a todos os livros preferia uma conferencia d'elle.

Estava-se no inverno. Em S. Carlos havia uma companhia boa, e ás vezes, depois do curso ia até lá com o Visconde do Porto Carrero, meu collega no curso, meu companheiro de estudos.

Annunciara-se uma opera nova — o *Fausto* pelo Petil se me não engano, que nós tinhamos muito empenho em ver e com muito custo conseguimos arranjar um camarote para essa primeira representação celebre.

Era noite de licção do Jayme Moniz, e apezar da licção terminar ás 8 horas, exactamente ás horas em que começava o theatro, nenhum de nós pensou em fazer gazeta, para não perder o principio da opera, tal era o interesse que nos mereciam as licções do curso.

Fomos para a aula.

N'essa noite o illustre professor foi um pouco mais tarde que o costume, e apezar de ás 7 horas e um quarto elle não estar lá ainda e nós podermo-nos retirar sem receio de dar falta, nenhum de nós arredou pé nem pensou n'isso.

Jayme Moniz veio, entrou na aula e começou a licção.

O assumpto era Mirabeau, um grande orador tentado por outro grande orador.

Jayme principiou a discursar: principiou a deixar-se dominar pelo assumpto e a arrastar-nos a nós atraz da sua elequencia poderosa.

Fallou, fallou, fallou e quando já um pouco extenuado acabou a licção, nós olhamos para o relogio; passava das nove horas!

Havia uma hora que o *Fausto* se estava a cantar e o nosso camarote em S. Carlos á nossa espera!

E foi então que nos lembrámos d'isso!

A ouvir a licção de Jayme Moniz tinhamo nos esquecido completamente do theatro, e quando a licção acabou e nos lembramos d'elle, a impressão recebida por essa maravilhosa licção fôra tão grande, tão violenta que tivemos pena que ella tivesse acabado tão depressa!

Eu tenho contado esta historia muitas vezes e conto-a sempre porque me parece que ella marca um caso talvez unico na vida academica, porque creio que não pode haver testemunho mais eloquente do prestigio enorme exercido por um professor sobre os seus alumnos.

E lembro-me sempre d'essa licção memoravel e foi essa recordação que a leitura do magnifico discurso pronunciado por Jayme Moniz na Camara dos Pares a proposito da creação do Ministerio de Instrucção Publica, fez reacender ainda mais no meu espirito accordando todas as saudades d'esses bons tempos da mocidade que não voltam mais!

*
* *

Consagrei a estas doces recordações, e ao enthusiasmo que ha 23 annos sinto cada vez mais vivo, pelo talento cada vez mais brilhante de Jayme Moniz, toda a minha chronica d'hoje, e não o lamento, porque esse extraordinario talento merece todas as homenagens, porque dia a dia se revigora, se robustece, se põe n'uma evidencia resplandecente entre as mais brilhantes glorias do nosso paiz.

Alem d'isso se em Lisboa infelizmente o assumpto não falta esta semana, esse assumpto é muito grave, é muito serio de mais pára que eu me occupe d'elle, dada a abstenção que sempre me tenho imposto, e de que cada dia me applaudo mais, de tratar de questões de politica.

E desgraçadamente apesar dos reiterados protestos de muitos politicos de que não se trata de uma questão politica mas sim de uma questão nacional, os interesses partidarios já tomaram conta d'ella d'uma maneira bem visivel, e desde o momento em que a politica apparece, nós recolhemo-nos ao silencio, porque como já muitas vezes temos repetido, de politica não entendemos nem queremos entender cousa alguma.

Gervasio Lobato

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA

COMMANDADA PELO MAJOR

HENRIQUE DE CARVALHO

I

Temos em nosso poder tres volumes d'esta obra notabilissima do major Henrique Augusto Dias de Carvalho que são: *Ethnographia e historia tradicional dos Lundas, — Methodo pratico para fallar a lingua da Lunda*, e o 1.º tomo da *Descripção da viagem.*

Um pequeno reparo. Desejariamos antes que se tivesse publicado, primeiro, a descripção completa da viagem e que depois viesse a *Ethnographia e historia*, terminando a publicação o *Methodo de fallar a lingua da Lunda.*

A Lunda é um dos mais vastos imperios africanos, occupando maior area do que Portugal e Hespanha na Europa, cortado por grandes affluentes do nosso Zaire, sendo os principaes o rio Cuango e o rio Cassai; é limittado a oeste pela nossa provincia de Angola, ao norte pelo estado *livre* do Congo, ao sul pelo reino Lobale e a leste confina com os grandes sertões da Garanganja, onde começa a região dos lagos. A capital é Mussumba. Não temos mappa algum á vista, mas é isto pouco mais ou menos a orientação do paiz dos Lundas ou Muatiânvua, na Africa austro-central.

A missão dirigida pelo major Henrique de Carvalho era scientifica, porem tinha intuitos politicos e commerciaes. Por isso que visava a readquirirmos a antiga influencia sobre o Muatianvo, impedir a sua annexação aos estados do Congo, isto é, evitar que Stanley lhe deitasse os arpeus, a abrir novos mercados aos centros commerciaes da nossa Angola.

Este trabalho, o desempenho de tão alta e melindrosa commissão, attingio-o Henrique de Carvalho de um modo gloriosissimo para a historia das nossas missões africanas.

A parte scientifica, as altitudes, coordenadas, temperatura, ventos mais predominantes, são o mais correctos possivel, dando nos o estudo da região planaltica entre os rios Cuanza, Lucala, Cugo e Cuango. Fallamos apenas d'esta região porque só está publicado o primeiro volume da *Descripção da viagem.*

Os intuitos politicos foram alcançados de um modo honrosissimo para a bandeira nacional, o que, é sempre de esperar, quando empunhada por um official portuguez, valente e illustrado como o major Henrique de Carvalho.

Os Lundas actuaes não são nenhuns selvagens, até mesmo nas suas argucias e repentismos se observa finura de espirito e experiencia dos homens, e para o demonstrarmos basta que transcrevamos, do volume *Ethnographia e Historia* o seguinte da pagina 683.

«Que elles (*os Lundas*) teem ditos conceituosos, nota se até nas suas allusões e na resolução das suas demandas, e mesmo nas questões diarias mais triviaes.

«Assim tratando-se do rapto de uma rapariga, ouvi ao potentado que resolvia a pendencia: — *Encontra se a pedra de amolar no caminho, amola-se a faca e deixa-se a pedra.*

Fallando-se do destroço n'uma lavra: — *Podem levar as raizes mas no seu logar devem collocar tres troncos do arbusto.*

Tratando-se de fazer guerra de exterminio a Mataba, aconselhou Quissengue ao Muatiânvua.— *Ser melhor comprar o rio, do que todo o peixe que elle apresente n'um dia, porque este acaba emquanto que o rio fica*

Questionando-se sobre a venda de rapasitos de preferencia a raparigas disse um velho: — *Cada uma d'estas nos pode dar até dez ou mais d'estes.*»

. . . .

«Xa Madiamba, ouvindo um homem que se queixava de um outro, gesticulando e gritando muito, voltou-se para mim e meneando a cabeça, disse: — *Falla muito, não tem razão.*

Um quilôlo, aconselhando o Muatiânvua para continuar a viagem dizia lhe: — *Olhe para as nossas barrigas cheias de pregas, n'esta terra estamos padecendo fome.*

O Muatiânvua apontando para a sua, disse: — *A minha não está melhor que as suas, patrão pobre, todos padecem.*

É muito usado entre elles dizer se: — *Todos são muito espertos, os velhos não são tolos, ouvir os velhos é caminho da razão.*

Quando eu estive (major Carvalho) gravemente doente, trataram os Lundas de adivinhar se alguem seria causa de eu estar para morrer, e perguntando-lhes mais tarde porque assim tinham procedido, responderam: — *Nós somos pretos, mas o coração é branco.*

Tendo sido aprisionada uma mulher por um homem a quem faltavam umas cargas de polvora, mandei entregar um barril de polvora ao Muatiânvua, e elle disse para os que o escutavam: — *Elle é pequeno, mas o coração sae-lhe pela bocca.*

Se alguma vez me pediam um conselho, sobre questões do Estado e era por todos bem acceito, dizia sempre um ou outro: — *E' bem certo que o sól nos dá muita cousa, mas a esperteza, leva-a todos os dias para as terras de Muene-Puto.*»

Estes pequenos trechos já dão bem o valor em que o illustre africanista era tido pelo proprio monarcha dos Lundas, e d'elles resumbra um alto tacto politico, que chegava ao ponto de Henrique de Carvalho não querer acceitar presentes de nenhum potentado d'aquella região, pedindo-lhes apenas em recompensa dos serviços que lhes prestara, que *nas suas terras dissessem sempre a verdade com respeito á protecção que encontravam sempre no interior logo que recorriam á bandeira de Portugal.* E elles cumpriam.

O major Henrique de Carvalho regista muitos casos d'estes, especialisando os povos *Bangalas* que para provarem o seu reconhecimento foram communicar aos seus parentes estas justas indicações e fizeram propalar em toda a região do Cuango que o pouco negocio que traziam e a conservação de suas vidas, tudo deviam a Portugal.

*
* *

Sabemos já como o major Henrique de Carvalho cumprio a parte scientifica e politica da Expedição, vejamos de que elementos dispoz para o seu objectivo commercial.

Em 20 de março de 1884 o major Henrique de Carvalho expedio officios para as Associações commerciaes de Lisboa e Porto, para o governador do Banco Nacional Ultramarino, e Sociedade de Geographia commercial do Porto, participando que fôra nomeado chefe da expedição ao Muatianvua a qual tinha entre outros fins, o de procurar novos mercados ao nosso commercio e industrias e estudar tudo que podesse interessar e garantir, a propaganda e desenvolvimento do que reciprocamente podesse convir, n'aquelle intuito, a Portugal e aos paizes que a expedição tinha de atravessar. N'esta conformidade, o major Henrique de Carvalho, enviou uma circular aos principaes negociantes, industriaes e capitalistas das praças de Lisboa e Porto; — n'essa circular dizia-se que o *Muata-Ianvo* era um grande potentado que dominava a vasta região da Lunda, compre-

hendida entre as nossas possessões de Angola e Moçambique, dona de ricos povoados em marfim cera e outros productos muito procurados nos mercados europeus, e que a expedição offerecia os seus serviços ao commercio da nação que devia aproveitar a opportunidade de dar saida ás fazendas e generos, armazenados por bastante tempo em virtude da concorrencia os ter affastado dos nossos mercados. Indicou-se o tamanho dos volumes porque o negro não pega em cargas superiores ao pezo de trinta kilos.

A expedição apenas conseguiu, depois de removidas as difficuldades ordinarias da nossa indolencia e intrigas de soalheiro, do muito que se lhe promettera, o seguinte: — do digno industrial Manoel Francisco da Costa, ferragens; e dos seguintes patrioticos negociantes: — João Ferreira Dias Guimarães, galões, botões, sombrinhas, pentes, mantas, rendas, emblemas, etc; — Lino José de Campos, quarenta e oito latas de azeitonas; — Eduardo Augusto dos Santos Junior, doze caixas de vinho do Porto; — e João S. Howorth, quatro caixotes com louça. Foram estes volumes os que acompanharam a expedição, porque os benemeritos homens do commercio que os enviaram esqueceram precedentes de governos passados e entenderam que o nome honrado do major Henrique de Carvalho era garantia superior á de todos os politicos presentes e passados.

Partiu a Expedição para Angola e por lá esteve desde 1884 a 1888.

O que fez ella ?

Apenas isto : diz-nos todas as raças que habitam a Africa austro-central de Malange e Cuando á Mussumba, capital do Muatiânvua; os seus usos e costumes; caracteristicos ethnographicos; a influencia do meio que os cercava, a forma de governo, a politica, a historia; e a maneira de aproveitar esses povos para o bem, livrando-os da macula da escravidão.

*
* *

O ultimo ponto civilisado que o major Henrique de Carvalho deixou foi Malange.

Malange toma o nome do rio que lhe passa proximo e onde se lançou recentemente a ponte *D. Carlos*. É rasoavelmente habitada, tem uma fortaleza, duas egrejas, tribunal uma grande propriedade chamada *Inveja* pertencente aos patrioticos negociantes Machados, e o quartel dos moveis. O Occidente nas suas gravuras apresenta dois bellos typos d'estes soldados, que comprehendem melhor a ideia da patria do que muitos brancos.

Perto de trinta leguas, a nordeste de Malange está a estação *Paiva de Andrada* junto do potentado do Ambango, no paiz Camávu. A estação, como representa a nossa gravura, é um rectangulo de cinco metros de largura por dez de comprimento, tendo as paredes trez metros de altura, revestidas interior e exteriormente de capim.

Quando o major H. de Carvalho quiz passar o Cuango, rio que delimita Angola do Muatiânvua, luctou com muitas difficuldades pois que se apresentaram nada menos de dois monarchas a exigirem presentes pela passagem do mesmo rio (já por ali anda a cafila de inglezes, belgas allemães) ; os dois monarchas eram Mulumbo e Mona Mussengue que fallava em nome de Muêto Anguimbo, este ao que parece valia por dois.

Henrique de Carvalho percebendo que estava já com gente civilisada pelas grandes potencias da Europa respondeu-lhes :

— «Muene Puto quer todos contentes e quer pagar a quem for devido.»

Os monarchas beberam o seu decilitro de *malufo* e d'ali a pouco effectuava-se a pasagem do rio, e uma hora depois já a bandeira portugueza fluctuava no imperio do Muatiânvua... Eis que appareceu um outro potentado. Damos a palavra ao auctor de este notabilissimo estudo, para que os leitores avaliem Henrique de Carvalho como escriptor de estylo facil humoristа e elegante, «As canoas eram pequenas e viravam se com muita facilidade, por isso não podiam transportar mais que duas cargas por cada viagem. Já umas dez estavam no lado opposto, quando nos appareceu descendo a ladeira para a praia, aos saltos, embrulhado n'um panno, com um pequeno pau na mão, que manejava rapidamente, um figurão baixo, de feia catadura, e que mais parecia um macaco que um homem, berrando como um possesso, com a *cajinga* na cabeça, especie de chapeu armado com os bicos revirados para baixo, que fôra outr'ora de palha clara, mas que agora estava negra e gordurosa.»

Este homem que parecia um macaco era Zunga.

O leitor pode avaliar este amigo dos alemães pelas gravuras do Occidente, sob o titulo de *Zunga*, e *Passagem do Cuango*, *Zumga desesperado*. Claro está que o desespero de Zunga passou logo, que o major H. de Carvalho lhe apresentou o seu cantil dizendo.

— «O que tu queres sabemos nós, vaes provar aguardente.»

*
* *

Por aqui se pode avaliar a civilisação, em Africa, quando é exercida pelos portuguezes ou quando seja imposta pela Inglaterra pela Belgica e Allemanha.

Portugal é conhecido em toda a Africa por esta designação : — *Muene — Puto*.

O belga, o allemão e o inglez, são para o indigena o *ingresso*.

Para terminar esta ligeira noticia podemos resumir: que a opinião dos pretos na Africa austral é : — o portuguez dá o ensino e protege — O estrangeiro o *ingresso*, não dá nada e mata quando não pode embrutecer ou escravisar.

*
* *

No proximo artigo fallaremos do auctor d'este livro e dos seus anteriores serviços no ultramar desde 1868, e demonstraremos quanto poder tem ainda Portugal n'aquelles paizes.

Manoel Barradas.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XXIII

O sr. Pereira do erario tomou uns ares graves e respondeu á pergunta de sua esposa com um bello:

— Porque sim !

A esposa porém estava de mau humor por não a terem deixado ouvir a *Casta Diva* no cornetim, e não se contentou com essa energica razão que seu marido lhe apresentava para o casamento do Dominguinhos.

— Porque sim não é resposta. Explica-te melhor se queres, e se não queres não venhas então falar-me cá em tolices...

— Tolices ! O casamento do nosso filho ! bradou indignado o sr. Pereira.

— O casamento? Isso ainda ha de ser o que disserem dois boticarios.

— Onde está um pae os boticarios não são precisos, tornou muito digno o Pereira· Eu disse que o pequeno hade casar e casará.

— Pois sim, eu tambem não o quero para frade, replicou a mãe, hade casar, mas a seu tempo.

— Não ha tempo nem meio tempo: hade ser já. Amanhã tem que ir comigo pedir a mão da noiva... Estou á espera que elle venha para lhe participar esta minha resolução.

— Tu endoideceste !..

— Inabalavel, concluiu o sr. Pereira, sem fazer caso de ápartes.

— E então eu não sou ouvida e achada em nada d'isso.

— A prova que és achada é que estás aqui !

— E quem é a noiva ? perguntou com um ar de escarneo a sr.ª Pereira.

— A filha do meu amigo Leitão, respondeu gravemente o esposo.

— O que ? A Ignacinha ?

— Essa mesma.

— Mas quem foi que te metteu isso na cabeça ?

— O pae d'ella e as conveniencias sociaes !

— O que ? O pae já sabe do namoro ?

— Ora essa ! Se até estiveram todos presos na casa da guarda do Passeio por causa d'isso !

— Estiveram presos ? perguntou a mulher do Pereira, muito admirada e começando a desconfiar a serio que o marido não estivesse bom de cabeça.

— Sim senhor !

— Por causa do namoro do pequeno ?

— Por causa do namoro do pequeno !

— Tu hoje não estás no uso pleno das tuas faculdades intellectuaes, disse-lhe a esposa, alindando a phrase e procurando com os atavios da forma adoçar a insolencia da intenção.

— Tu é que não percebes nada. O rapaz perdeu a cabeça pela pequena.

— Pois póde limpar a mão á parede que a perdeu por bonita lambisgoia ..

— *De gustos no hay nadie escrito*, disse n'um hespanhol muito da raia do Minho o sr. Pereira com o sorriso superior d'um homem que se sente contente com a sua sciencia, com a sua erudição.

— Eu não entendo cá esses palavrões estrangeiros, confessou um pouco despeitada pela sua ignorancia a sr.ª Pereira.

O marido então com um ar benevolo, quasi paternal, explicou o sentido da phrase hespanhola.

— Gostos não se discutem, é o que isto quer dizer. Cada qual come do que gosta.

— Isso é que nem todos ! Commentou a sr.ª Pereira olhando-o com um olhar rancoroso, como que dizendo-lhe que elle nunca fôra o piteu da sua predilecção.

Elle não percebeu ou fingiu não perceber a intenção de sua esposa, e sem tratar de averiguar o que ella queria dizer na sua, contou-lhe o que de dia se passara na estação do Passeio Publico segundo a versão minuciosa que o seu amigo Leitão lhe fizera no Rocio.

A sr.ª Pereira apesar de tudo isto, apesar do escandalo que o Dominguinhos fizera e que já augmentado na narrativa do Leitão fôra augmentadissimo na narrativa do seu marido, não se dava por vencida e continuava a torcer o nariz ao tal casamento.

Mas o sr. Pereira conhecia-a muito bem e guardou para o fim o argumento de pezo, a phrase de effeito, o bouquet final e arrumou-lh-o com unhas e dentes:

—E o Leitão dota a filha em dez contos de réis, disse elle fitando sua esposa á espera do effeito da bomba.

Foi instantaneo e maravilhoso !

Ao ouvir fallar nos dez contos de réis de dote da Ignacinha, a sr.ª Pereira esqueceu-se logo de que ella era uma lambisgoia, de que o Dominguinhos era muito novo ainda para mudar de estado e deixando-se de pedir mais a interferencia de dois boticarios foi immediatamente da opinião de seu marido.

E o Dominguinhos quando n'essa noite entrou em casa encontrou seu pae e sua mãe a porem-lhe a faca aos peitos para casar o mais depressa possivel com a Ignacinha.

E como esses eram os seus desejos, o Dominguinhos, cheio de alegria, acceitou com ambas as mãos os conselhos paternaes e maternaes e no dia immediato á uma hora da tarde entrava com seu pae na casa do sr. Leitão, ambos graves, magestosos trajando o fato das grandes solemnidades, a pedir a ambicionada mão da menina Ignacinha, que instruida já do caso pelo buraco da fechadura, e prevenida por sua mãe, esperava de vestido novo e coração palpitante o annunciado pedido.

XXIV

E' claro que a mão da Ignacinha foi dada logo. Depois da combinação dos paes no Rocio aquillo não passava d'uma mera formalidade.

E com este casamento contractado dava-se um caso que não se dá muitas vezes; o de todos estarem contentissimos com elle.

Os paes do noivo estavam radiantes porque apesar do Dominguinhos ter sido aprovado com distincção no terceiro anno de portuguez e de ter tido um successo colossal no Lyceu com a sua já famosa descripção do incendio, não tinham muita certeza de, terminado o curso, lhe arranjarem com facilidade nem mesmo um modesto logar de amanuense, e assim aquelle casamento elevava o logo, sem mais nada, acima de segundo official, pois a cinco por cento o dote da noiva prefazia exactamente a annuidade de 500$000 réis e sem ter que pagar direitos de mercê, emolumentos e sello, e os paes da noiva rejubilavam porque imaginavam com ou sem razão, que o Pereira como fôra do antigo erario trouxera de lá comsigo mundos e fundos e que os dez contos que davam a sua filha seriam isca para pescar cincoenta ou sessenta

A noticia do casamento da Ignacinha com o Dominguinhos correu veloz como um raio todas as relações das duas familias, e a menina Alice atirou positivamente com a albarda ao ar ao saber que o perfido Dominguinhos, que por tanto tempo lhe arrastára a aza sem atar nem desatar, com a pateta da Ignacinha fôra dito e feito, chegar, namorar e casar.

E fula contra a sorte que tão adversa se lhe mostrava, que para ella era madrasta de maus figados ao passo que para a sua rival era mãe carinhosa, pensou logo na desforra que havia de tomar.

Havia só uma — matrimoniar-se tambem !

Pois que ?

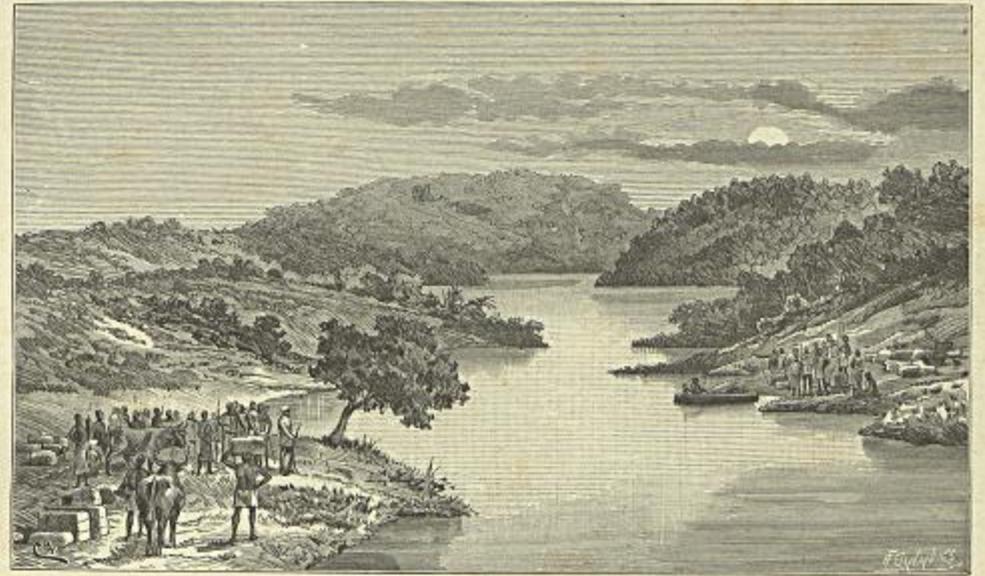
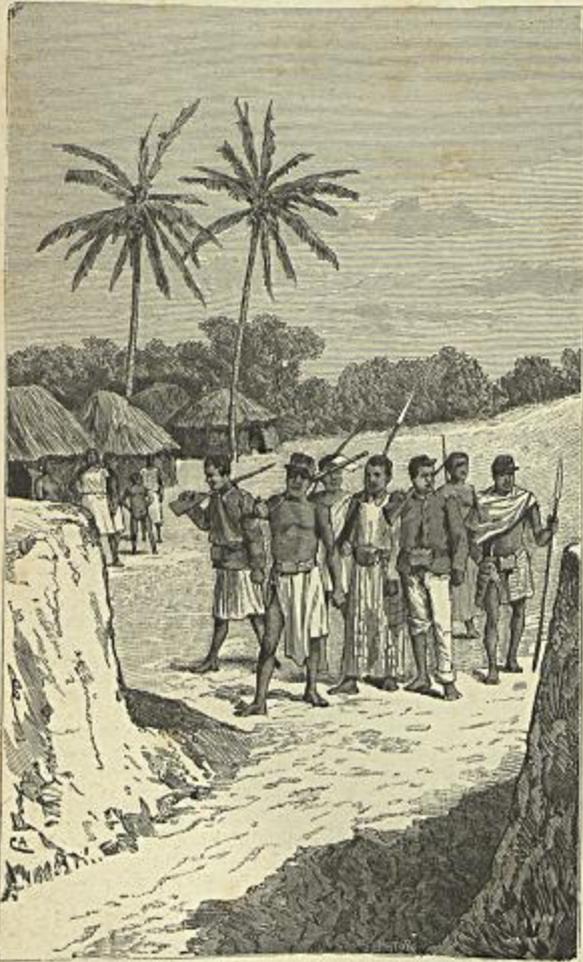
A Ignacinha que nem physica nem moralmente podia soffrer comparação com ella havia de casar-se e ella havia de ficar solteira ?

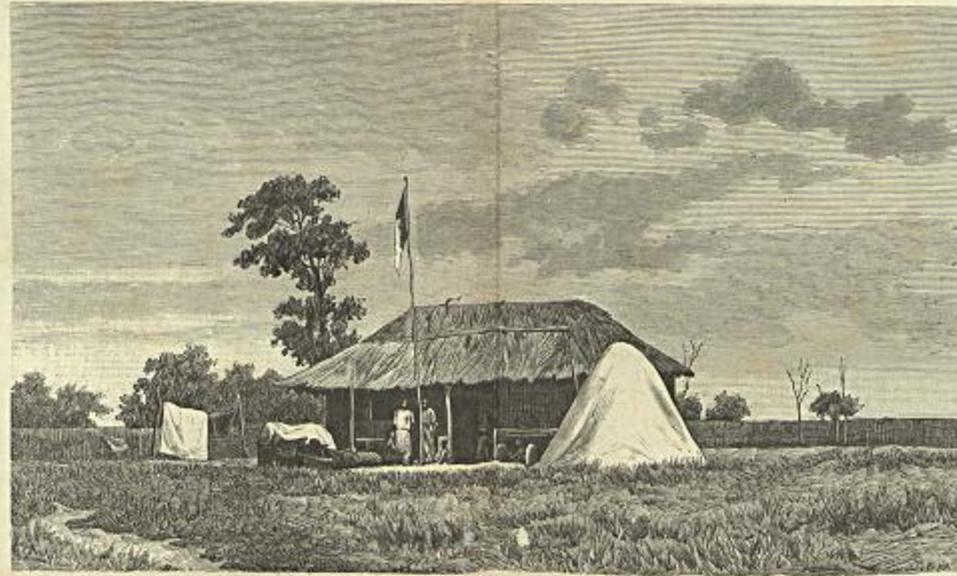
Nada, isso é que de fórma nenhuma.

A Ignacinha começara a ser requestada por des-

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA

Passagem do Cuango

Soldados da Expedição

Rio Lui

Soldados moveis

Typo do Bihe

Estação Paiva de Andrada

O Muatianvua bebendo malufo

Typo Lunda (Mataba)

Lunda (do Lulúa)

Typo do Bihe

Zunga

peito pelo Dominguinhos na mesma noite em que tambem ella por despeito principiára a acceitar a côrte ao Quim Barradas.

A Ignacinha ia casar com o Dominguinhos: porque não havia ella de casar com o Quim?

Era o unico expediente a tomar porque, de mais a mais ella, que de ordinario estava sempre tão bem fornecida de namorados, agora precisamente parecia coisa do demonio, não tinha senão um á mão, o Quim.

E em vista d'esta pobreza franciscana de namoros não tinha por onde escolher: tinha que se contentar com o que havia porque demais a mais a vingança para ser completa devia de ser rapida, e não lhe sobrava tempo para arranjar outro namoro, sobre tudo n'aquellas condições excepcionaes e portanto agarrou-se ao Quim como á sua unica taboa de salvação.

(Continúa)

Gervasio Lobato.

ESTUDOS HISTORICOS

O GENERAL GOMES FREIRE

(CAMPANHAS EM PORTUGAL E FRANÇA)

III

O martyr

(Continuado do n.º 415)

17 outubro 1817

Labeu de estranho jugo a patria infama
Vivo sol, de seus brios s'escondia;
Eil-o do heroe refulge o peito em chamma
De virtude immortal, que ao ceu nos guia.
Avante! diz; e livre a patria acclama.
A vida, aos golpes cáe da tyrannia,
Embora! que na voz da heroicidade
Eterno soará — FREIRE D'ANDRADE

Joaquim da Costa Cascaes (1855)

Na conhecida publicação intitulada *Memoria sobre a conspiração de 1817, vulgarmente chamada a conspiração de Gomes Freire, escripta e publicada por hum portuguez amigo da Justiça e da Verdade*, no cap. 3.º Secção I, pag. 85, encontrei em resposta a uma carta do auctor, datada de 18 de abril 1821, de Lisboa, o seguinte documento escripto a 8 de maio de 1821 em Londres.

Esta carta tem todo o sabor da intriga dos homens da epocha, revelando ao mesmo tempo que o general Wiliam Carr Beresford, não foi estranho ao que ali se escreveu; comtudo como é, na sua intrega, um documento quasi desconhecido, damol-o aos nossos leitores, sem alterar a respectiva orthographia.

Segue o documento:

«Apresso-me á responder á carta que V. m. me fez a honra de dirigir com data de 18 do mez passado. Desgraçadamente nada ha mais certo do que ser eu do numero das victimas implicadas n'essa infausta conspiração de 1817. Mil boatos, inventados pela malevolencia de alguns, se forão acreditando em publico, e cada hum foi dizendo, e exagerando o que bem lhe parecer, sem que eu podesse desmentir, nem impedir a circulação de taes boatos. Vendo-me forçadamente obrigado a supportar todo o pezo de calumnias, que se tem espalhado contra mim, não me restava outro recurso senão esperar que o tempo, aclarando a verdade, me fizesse justiça. Abandonei me a esta resolução e vivia retirado de todo o mundo, occupando-me inteiramente do desemponho dos meus deveres como militar, e não vivia senão com a minha familia, e com aquellas pessoas, que conhecendo a minha conducta, nada tinhão perdido da estima e amisade, que até hoje me tem conservado.»

«A minha justificação começava a adquirir alguma consistencia, porque os meus amigos não perdiam occasião de desmentir as asserções falsas que se espalhavão contra mim, substituindo-lhes a verdade. Veio porem a revolução, de 24 de agosto, e de 15 de setembro, e as paixões tornarão a revolver-se de huma maneira pouco favoravel á minha causa. Certo da minha innocencia, e resoluto a deffender-me contra qualquer insulto, julguei que não devia esconder-me nem sair de Lisboa, onde permaneci algum tempo depois da revolução, sem deixar de me apresentar nos logares publicos e tinha a satisfação de não ser insultado.»

«Entretanto, para tranquilisar a minha familia, aproveitei-me de uma licença para vir a Londres, menos por temor que tivesse de ficar em Portugal, do que para tratar aqui da minha justificação por via dos *periodicos portuguezes*. Este recurso porem não ha sido concedido porque apenas chegado a esta capital, alguns Redactores publicarão logo contra mim novas calumnias, ainda mais injuriosas, que as que já circulavão. Quiz usar contra um d'elles dos meios, que me concedem as leis do paiz, mas apesar do bom direito, que para isso tinha, vi-me obrigado a parar a causa por não poder suprir as despezas necessarias, sem contudo renunciar a ella em occasião opportuna. Outro Redactor mais humano e justo, teve comigo uma conferencia, na qual tendo-lhe exposto toda a verdade do meu caso devo confessar que se mostrou a tomar a minha deffesa; mas segundo razões tenho para assim o pensar, cedendo ás solicitações de algum contrario meu, ou pensando falvez que ficava compromettida a sua reputação, achou pretextos honestos de retirar a sua promessa. Pedi a quem fallasse a outro para inserir algumas reclamações contra tantas, e tão atrozes injurias, que se tem espalhado contra mim, escusou-se dando em resposta, que o mais que poderia fazer era não fallar a meu respeito nem em bem nem em mal: e nas minhas circumstancias não posso deixar de reconhecer n'isto mesmo hum grande favor.»

«Privado d'este modo, de todos os meios de justificar-me ainda que me não julgue criminoso, tomei o partido de resignar-me a tudo o que podesse acontecer, descançando sobre a minha consciencia, e deixando ao tempo a minha juslificação; porque sempre ouvi dizer que a verdade, tarde ou cedo chega a ser descoberta Agora porém que V. m. se dignou escrever-me, pedindo-me informação do que eu soubesse ácerca da conspiração renasce em mim a esperança de encontrar opportuna occasião de inteirar o publico de toda a verdade, sobre tudo o que diz respeito á parte, que toca n'este particular; e com a mesma verdade, e franqueza direi o que souber sobre a dita conspiração. Torno a repetir direi a verdade; porque eu não pertendo escusar-me de ter tido parte no descobrimento da conspiração; o que sempre pertendi, e pertendo agora, he que se não adulterem os factos nem se dê mais nem menos valor á minha conducta, do que aquelle que ella merece; huma vez conhecida a verdade, pode ser que ainda assim mesmo eu tenha a desgraça de não ficar justificado aos olhos de muita gente, mas ao menos restar-me-ha a consolação de ficar justificado aos olhos de huma boa parte.»

«Achando-me em Lisboa no dia 15 do mez de abril de 1817, em vesporas de partir, para reunir-me ao Brigadeiro, Luiz Maria de Souza Vahia, que commandava a 5.ª brigada de infanteria, em Traz-os-Montes, do qual eu era ajudante de ordens, achei-me por acaso no Botequim do Marrare n'essa noite, em companhia de Antonio de Padua, então tenente da Policia, e do bacharel Gameiro, depois Juiz de Fóra de Oeiras, quiz o mesmo acaso que tambem lá se achasse Antonio Cabral Calheiros, com quem eu nunca tive relações de amizade, e apenas conhecia de vista, e de reputação; mas sendo conhecido da pessoa, que estava comigo, nos pozemos á meza e tomamos juntos café e alguns licores.»

«Fallou-se de differentes cousas e eu observei que elle fallava de uma maneira pouco conveniente contra o governo e contra El-Rei; e sobretudo a hum logar publico e em presença de pessoas que elle apenas conhecia; e attribui esta leveza aos copos de licôr que elle repetia com excesso. Houve na companhia alguem que o reprehendeu da sua imprudencia, ao que elle respondeu que o que tinha dito era de pouca monta, que já se ia aproximando o tempo de fallar livremente, e que elle nos convidava para o acompanhar a uma casa do seu conhecimento onde nos communicaria uma coisa que havia de fazer a todos grande prazer.»

«Com effeito saimos do café, e fomos com elle á tal casa (que julgo desnecessario indicar) e ali tirou elle hum papel da algibeira o qual leu. Era este papel huma proclamação violenta, convidando todos os portuguezes á revolta, e cheia de improperios contra a pessoa d'El-Rei, contra o Marechal General, e emfim contra todos os empregados publicos; acabada a leitura da tal proclamação, perguntando-me como achava, respondi-lhe estas formaes palavras — *é quanto basta para o enforcarem e a nós todos* — Depois de mais algumas palavras sobre o mesmo objecto, e de nos ter assegurado que nãa havia que temer, porque a maior parte dos grandes de Portugal e dos officiaes superiores estavam todos de accordo para mudarem o governo, retiramo-nos todos e eu, com bastante pezar de me ter achado em tal companhia, mas dando pouca consequencia ao qne tinha ouvido, tanto mais que o tal Cabral passava por huma cabeça esquentada, e eu não podia suppôr que, se existisse realmente huma conspiração na qual entrassem as pessoas que elle tinha nomeado, o tivessem mettido a elle na confidencia.»

«Encontrei-me com o capitão José de Andrade Corvo de Camões, com o qual fui sempre intimo amigo, e fallando-me elle sobre alguns pasquins que tinham apparecido contra o Marechal, que isso não era nada em compensação do que eu tinho ouvido, e tanto em razão da amizade que existia entre nós, como de não me ser pedido segredo sobre o que se tinha dito, nem sobre proclamação, lhe contei tudo o que se tinha passado. Accuse-me quem quizer de indiscreto, mas esta é a verdade.»

«No dia seguinte veio Corvo procurar-me mui assustado, dizendo-me que o Marechal estava sciente do que se tinha passado e queria huma copia da proclamação para mandal-a a El-Rei, para fazer vêr a Sua Magestade o estado em que se achava o reino e supplicar-lhe que accudisse com algum remedio prompto, e, que quando absolutamente se não podesse obter a proclamação, ao menos que a tornasse a vêr para mais ao certo saber o que ella continha, não havendo até então nenhuma certeza de huma conspiração formal. Respondi que eu não tinha amizade com o tal Cabral, e por conseguinte que elle não m'a daria (e muito mais, que quando m'a leu, querendo-a ver na minha mão depois, elle m'a não quiz dar) mas que o bacharel João de Sá Pereira, da villa de Santarem, era da mesma terra e conhecido de Cabral, e por isso eu pensava ser a unica pessoa que podia fazer alguma cousa n'isto.»

«Fomos juntos em busca do bacharel Sá, ao qual, dando as mesmas razões, elle se decidiu a ir procurar Cabral, que encontrou perto da noite em a praça do Rocio, indo nós esperar por elle defronte do Tijolo na rua de Arco de Bandeira. Passadas mais de trez horas, voltou João de Sá, e, no maior espanto e susto, nos disse que Cabral lhe havia negado a proclamação, dizendo-lhe que se a queria vêr entrasse em huma conjuração que estava a rebentar por momentos, e nomeando-lhe pessoas da maior consideração, que dizia estarem ajuramentadas; o primeiro passo era o assassinato do Marechal General e de outras authoridades que nomeou, desenthronisar El-Rei que encheu de improperios, e mil coisas todas de esta natureza, pedindo logo ao dito Sá que me convidasse a mim, pois seria de uma grande utilidade na provincia para onde ia, pois em Lisboa nada faltava. O bacharel Sá me disse que não só se tinha escusado a similhante coisa, mas que até estava tremendo, porque, se aquillo se descobrisse, e conhecessem estavamos ao facto, pela lei nós eramos enforcados; que aquillo por força havia de ser horroroso, porque o tal Cabral era o homem mais depravado que elle conhecia.»

«No dia seguinte tornando o bacharel a encontrar Cabral, este lhe deu a proclamação, e, não a podendo copiar, lhe tirou um extracto que entregou a Corvo para este dar ao Marechal; n'este mesmo dia recebi uma ordem para ir á sua presença, e hum officio de Corvo remettendo-me a copia da ordem que elle havia recebido para assim o fazer, escripta pelo proprio punho do Marechal, e como V. m. bem póde imaginar não apanhei pequeno susto, não só pelo que se tinha passado mas tambem porque se tinha acabado a minha licença de estar em Lisboa, e justamente me dispunha para partir para o meu destino. Apresentei me em casa do Marechal na noite de 20 de abril, e mais o bacharel Sá, que havia recebido egual ordem; veio o Marechal, e sem outra introducção nos fallou assim: — Eu sei que se trama huma conspiração horrivel contra o rei e contra a patria; os senhores podem salvar tudo, descobrindo este horrendo attentado, e n'isto farão o maior dos serviços ao soberano e á nação, — e dirigindo-se ao bacharel, começou a persuadil o que elle devia prestar-se a entrar no numero dos conspiradores, para vir no conhecimento de tudo que se tramava, e o estado em que se achava a conspiração, afim de se poderem tomar a tempo as medidas convenientes para impedir os seus progressos.»

«Sou obrigado a declarar em abono da verdade, que João de Sá mostrou a maior repugnancia em condescender com a vontade do Marechal, e não ha sido senão depois de muitas replicas e instancias que elle por fim respondeu: *Que só se prestaria ao que S. Ex.ª desejava, se o capitão Pinto acceitasse a mesma missão.* Então comecou o Marechal a persuadir-me, e de tal modo que me convenceu de que eu, como bom vassallo, como bom patriota, como official, como homem de bem não podia recusar-me a fazer hum serviço do qual dependia a salvação do throno e da patria; que salvava a minha honra, que me ordenava em nome de El-Rei, de me prestar a este serviço, ameaçando-me até de participar a S. Magestade, se eu me recusava, o que confirmou por uma ordem escripta e assignada por elle. Confesso que não foram as suas ameaças que me convenceram de que eu me devia prestar a este serviço, mas as suas razões.»

«Eu não tenho outros conhecimentos senão aquelles proprios do meu estado; sou militar, e preso-me de ter em todas as occasiões dado provas de que sou digno d'esta honra, como posso fazer constar pelas attestações que tenho dos chefes que me tem commandado, e melhor ainda pelas cicatrizes que tenho no meu corpo, grangeadas em 19 combates e batalhas em defeza do meu Rei e da minha patria; nem conheço outro dever senão de lhes ser fiel e obedecer aos meus superiores. E, quando vi o Commandante em chefe do exercito assegurar-me de todas as maneiras que o serviço do Rei e da patria exigia de mim um sacrificio, em que não perigava a minha honra, e posso tambem accrescentar o meu nome, julguei cumprir com o meu dever obedecendo. Julgue-me quem quizer e da maneira que quizer: esta é toda a verdade.»

«Não obstante esta minha resolução, fallei francamente ao Marchal, e puz como condição absoluta que não serião de nenhum modo compromettidas as pessoas que por meu respeito se associassem á dita conspiração, assim m'o prometteu cumpriu a sua palavra como adiante mostrarei.»

Devo notar de passagem, que outros officiaes de reconhecida honra se prestaram ao mesmo; mas como elles tiverão a fortuna de escapar á censura, não é minha intenção descobril-os, nem mesmo criminal-os, porque estou convencido, que elles obrarão como eu, capacitados de que fazião, hum serviço eminente á sua Patria e ao seu Rei; e só me atreveria a pôl os em evidencia, se elles, para melhor se precatarem, procurassem recriminar-me a mim, o que não seria cousa nova

«Passei pois a executar as ordens do Marechal; e como o seu principal fim era haver todos os documentos, como proclamações, instrucções, e outros papeis por onde constasse a existencia e objecto da conspiração, para, conforme a sua natureza e caracter, obrar como melhor conviesse, para o bem da Patria e do Rei, e estes papeis não se podendo alcançar sem fazer parte dos conspiradores. o bacharel João de Sá, que conhecia Cabral, conveio com elle no dia em que deviamos ser admittidos no numero dos conjurados. Indicou Cabral o dia, dando-nos *rendez-vous* na praça do Rocio ás 10 horas da noite.

(Continúa

Manuel Barradas.

NOVIDADES DA SCIENCIA

Reconhecimento chimico dos azues. — Os azues que se empregam na industria são: o azul da Prussia; o azul ultramar; o carmine de anil; o esmalte ou azul cobalto; a alizina ou azul d'autracene; o azul de Methylene e o azul de Campeche.

Eis, segundo as ultimas experiencias de M. Guimer, a maneira de reconhecer chimicamente a qual d'estas familias pertence uma amostra dada:

É a amostra reduzida a pó e tratada pelo acido sulfurico concentrado. Se se der a coloração é o azul da Prussia; se o licor se torna verde, é o azul de mythilene, se elle toma a côr vermelho escuro e augmentando-o com a agua a côr azul reapparece, é o azul de anilina; se, ao contrario, a materia colorante se precipita em flocos d'um rôxo, côr de vinho, é o azul d'antracente.

Se a côr azul em pó fica completamente insoluvel; é o azul cobalto; se ella se torna soluvel conservando no entretanto a sua nuance é o carmin de anil; se juntando-se-lhe uma pouca d'agua a decoloração se produz com efervecencia do hydrogenio sulfuroso é o azul d'ultramar.

O azul de Campeche volta ao vermelho, ou ao alaranjado, tratado pelo acido chlorhydico.

Um papel azulado com o azul de anilina decompõe-se em algumas horas exposto ao sol. O papel azulado com o ultramar, ou com o cobalto, deixa pela incineração cinzas azues decoloraveis pelos acidos aggregados á *azulagem* quando feita com o ultramar.

Quando qualquer papel fôr azulado com o azul da Prussia se submetter ao fogo e se lhe ajuntarem nas cinzas fumegantes algumas gotas de descolação de prussinato amarello, ver-se-ha desenvolver-se uma côr verde proveniente da mistura do azul da Prussia precipitado com a coloração amarella do prussiato.

O azul de cobalto, ou esmalte, é o mais fino de todos e tambem o mais fixo. Infelizmente o seu preço é no mercado bastante elevado.

Porcelana chineza «Kiansing». — Uma especie rara de porcelana chineza, que é o encanto dos colleccionadores e estimada em um valor consideravel pelos proprios chins é a *Kiansing*.

A arte do fabrico d'esta louça jaz esquecida e perdeu-se na noite dos tempos.

Segundo o que refere a *Pottery Gazette*, as chavenas, pratos e jarras, etc, feitos com esta porcelana são na apparencia sem colorido, mas, desde que se enchem de liquido os desenhos se manifestam em côres vivas e multiplas.

A espessura d'esta louça é tão fina como a casca d'ovo.

Suppõe-se que os objectos tendo sido formados e cosidos se executou a pintura no interior sendo depois coberta a louça com uma nova camada, sendo em acto continuo submettida novamente ao calor do forno até ao ponto de chegar áquella transparencia.

Quem conseguisse tornar a descobrir o segredo faria fortuna colossal

Contadores de electricidade Frager. — A fabrica municipal de electricidade de Paris emprega exclusivamente, para a sua rêde, o contador totalisador de energia de M. M. Frager e Cauderay.

Este apparelho, que é muito interessante, apresenta uma das mais bellas soluções do problema, sendo o seu mechanismo extremamente simples, mas precisa ainda ser bem estudado.

Compõe-se essencialmente de quatro partes: o electro dynamometro, o movimento do machinismo, o sector d'integração e o totalisador.

O electro-dynamometro é formado de duas bobines, uma fixa, em serie, sobre o circuito, e outra movel em torno do eixo vertical, que vem da parte interna da primeira e é monteda em derivação. Esta ultima sustenta uma agulha horisontal terminada por uma parte saliente.

O movimento de relojoaria é imprimido por uma espiral sustentada electricamente.

O sector d'integração representa a parte original d'este contador. É uma peça d'aço tendo a forma do *caracol de Pascal*, fixa pelo seu centro geometrico ao eixo do machinismo cuja face superior é horisontal. É portanto de movimento de rotação uniforme.

Na parte inferior d'este contador acha-se uma roda dentada que faz manobrar o totalisador, mas ella não se põe em movimento senão quando exercendo pressão sobre o sector de integração vae morder um *cliquet*. Torna-se então solidaria do sector, gira ao mesmo tempo que elle, e determina a marcha das agulhas do totalisador.

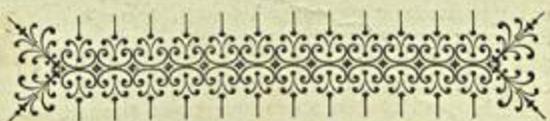
O funccionamento do apparelho é o seguinte:

Sobre a influencia da corrente a bobine movel do electro-dynamometro é desviada, e, ao mesmo tempo que ella, é-o igualmente a agulha horisontal da qual acabámos de fallar. O systema toma então uma posição de equilibrio. N'esse momento o sector de integração, arrastado pelo movimento de relojoaria se manifesta, a agulha deslisa-se sobre um plano inclinado e a parte saliente põe-se em contacto com a face superior do sector.

Durante o tempo do seu contacto com o sector a agulha de electro-dynomometro fére uma barra horisontal, dobra-se ao centro, exercendo por consequencia sobre o sector uma pressão que pode supporse vertical. O sector supportado por uma mola se curva, o cliquet engrena na roda dentada e o totalisador vae contando durante todo o tempo que a agulha fica em contacto com o sector.

A forma e a posição d'este ultimo foram dispostas de tal sorte que o arco de circulo que descreve sobre o sector pela extremidade da agulha, seja proporcional ao angulo de desvio e por conseguinte ao producto I'I, das correntes que circulam nas duas bobines, e como as indicações do totalisador são proporcionadas ao tempo em que a agulha fica em contacto com o sector, ellas exprimem I'I, ou o seu equivalente E. I, isto é, o consumo de energia electrica.

Esta descripção dá a o *Bulletim International de l'Electriciste*; é como se vê complicada apesar dos electricistas a considerarem *muito simples*.

S. P.

REVISTA POLITICA

Será ainda o tratado Anglo-luso o assumpto d'esta revista, mesmo porque não ha outra entrada mais socolenta no banquete da politica portugueza, que possamos annunciar ao leitor.

E não se pense que empregamos meramente uma figura de rhetorica chamando banquete a politica portugueza; todos concordam que na tal politica o que principalmente domina é a barriga e nada pode satisfazer melhor a esta do que um banquete.

N'isto não ha mais que a satisfação do instincto animal, a proponderancia da materia a despeito de todas as manifestações do espirito.

Se até se disse que o triumpho diplomatico do sr. Barjona tinha sido festejado em Londres com um banquete offerecido pelos traficantes da *City* ao illustre diplomata.

Vejam que tal é a tendencia para a animalidade que não respeita a mais virtuosa abstinencia, e quando um homem só vive do espirito e despreza as satisfações da carne, não lhe admittem essa superior qualidade e queriam por força que elle se banqueteasse nivelando-o por este positivismo animal, e dando razão áquelle pertendente que dizia ao Conde de Oeiras

«Todos comem palha em lh'a sabendo dar.»

Mas que diabo, assim nos iamos afastando do assumpto, que deserto tanto tem que explorar.

Que o digam as folhas politicas, que ha quinze dias não fazem senão escalpelar o tratado o que não quer dizer que tenham chegado positivamente ao esqueleto.

Bem diziamos nós na nossa ultima revista, que escusavam de se cançar em quererem provar a bondade ou ruindade do tal tratado, porque não conseguiriam fazel-o melhor nem peior do que elle é.

E effectivamente, depois de quinze dias de dize tu direi eu, está tudo na mesma. Nem uma idéa, nem um remedio. nem uma resolução sensata.

Tudo palavras, tudo bravatas, tudo recriminações, uma perfeita casa sem pão!...

E n'estas circunstancias só poderão estar bem com a sua consciencia, os que não tiverem comido uma migalha sequer do pão d'essa casa e antes só tiverem pago para elle.

N'esta grande banbochata, que vem de muito longe e que principalmente, n'estes ultimos trinta annos tem cada vez mais engrossado de convivas é fabuloso o que se tem devorado, e a voracidade tem chegado a tal fernezim que não havendo mais que devorar, devorou-se até a propria dignidade!

Mas lá nos tornamos a afastar do assumpto ou melhor do tratado Anglo-luso. Parece que nos afastamos e entretanto cada vez mais estamos com elle.

Pois não será o tratado uma consequencia fatal d'esta banbochata?

Então descurava-se impunemente a Patria durante tantos annos, tripudiava-se patuscamente sobre os seus queixumes de mãe, e queriam que a pobre e mesquinha tivesse ainda forças para se fazer respeitar sequer?

Para que servem agora essas recriminações, essas desculpas dos males presentes pelos males passados, esses arrancos de patriotismo tardio, que já se estrangulam entre o *cuidado* que uns aconselham e o terror que outros espalham, de que a regeição do tratado seria uma calamidade publica.

São estas as conclusões a que se tem chegado depois de quinze dias de discussões na imprensa politica sobre o tratado Anglo-luzo.

Os que o defendiam já concordam que é um mal para evitar outro maior, no que nos parece não verem bem ou não serem sinceros.

O outro mal hade vir fatalmente depois d'este; é unicamente questão de o legar aos que vierem, no que não deixa de haver coherencia com a politica seguida ha tanto tempo.

Sempre foram uns grandes tolos aquelles portuguezes de 1640 que sacudiram para fóra os hespanhoes; porque não deixaram elles esse trabalho para os filhos ou para os netos?!

Elles sacrificaram-se para não ficarmos hespanhoes e afinal ficamos inglezes, e por estes processos podemos até chegar a ser patagonios.

Apesar das vantagens do tratado que a principio se apregoavam de ficarmos livres de conflictos em Africa, já temos boa amostra d'essas vantagens nas pretenções manifestadas pelo estado livre do Congo sobre a Lunda ou Muatianvua, onde Portugal de ha muito exerce soberania.

Essas pretenções entendeu o governo que devia combater com uma nota dirigida á *potencia* denominada *Estado Livre do Congo*, e uma vez que se trata de Congo não podemos affirmar que a estas horas a rainha D. Amalia I não tenha recebido tambem alguma nota do governo portuguez, por intermedio do secretario de sua magestade preta o sr. Montes.

João Verdades.

RESENHA NOTICIOSA

Congresso de Limoges.— Realisou-se ultimamente em Limoges (França) um congresso scientifico, em que Mr. Romanet, delegado da Sociedade de Geographia de Paris, fez referencias a Portugal que de algum modo nos consolam das injustiças que tem sido feitas por tantos estrangeiros a Portugal quando se referem a este pequeno paiz.

Mr. Romanet referiu-se com enthusiasmo as descobertas dos portuguezes nos seculos XV e XVI e aos grandes serviços prestados ás sciencias e á civilisação com essas descobertas.

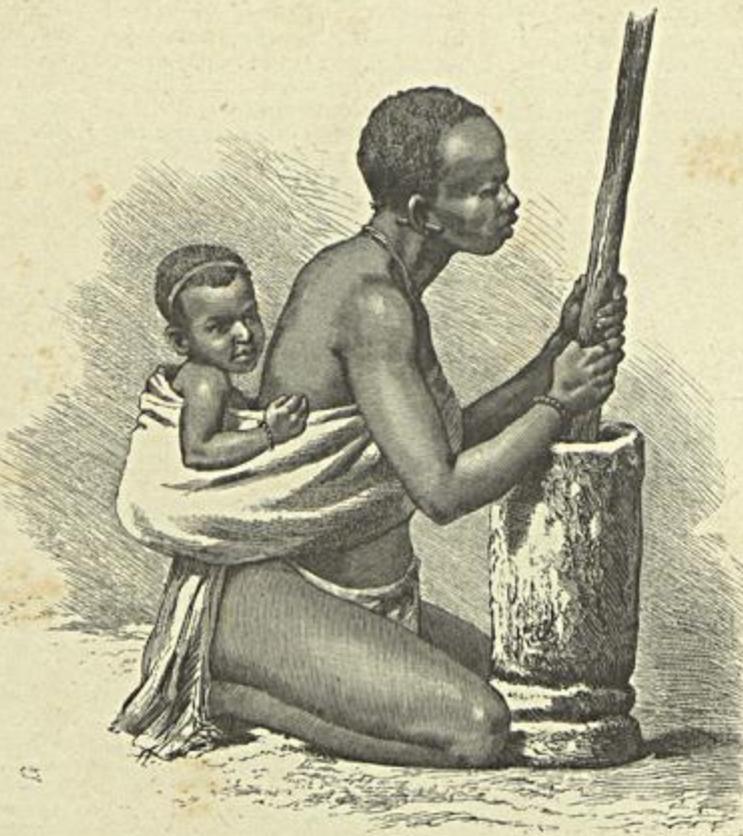
Disse que foram os portuguezes que concorreram, na Africa com os audaciosos filhos de Dieppe, no golfo da Guiné, e isoladamente no sul da Africa oriental; — que foram elles que doscobriram Madagascar, tomaram posse de Socotora e de Perin, a que chamaram a Vera-Cruz;—que foram elles que na Asia conquistaram a India, Ormuz, a embocadura do golfo Persico, Malaca, as ilhas de Sonda; que foram elles, os portuguezes, que descobriram o reino de Annam, Sião, Cambodge, o Japão, o erchipelago Kion Sion; e quo foram elles ainda que fundaram as colonias e emprezas, que prosperaram, na China, em Sião e no Japão.

Romanet do Caillaud, expansivo e sincero, pelas glorias de Portugal, pediu licença á assembléa para renovar o voto, que fizera na Sociedade de Geographia de Paris, á qual se honra de pertencer. «O egregio poeta portuguez Luiz de Camões, acrescentou, naufragou nas boccas do Mékong e salvou, nadando com um braço e conservondo-o acima das ondas, o seu Immortal poema «Lusiadas»; ora junto das boccas do Mékong ha um pequeno cabo, cujo nome, por uma circumstancia singular, é Camó, que se parece com o nome do grande poeta portuguez.»

«Roguemos aos nossos governos, exclamou n'um vehemente arroubo oratorio o sr. Caillaud, para que dêem officialmente a esse cabo Camó o nome do grande poeta portuguez.»

Mr. Romanet foi unanimemente aplaudido pela numerosa assembléa que o escutava.

PUBLICAÇÕES

Expedição Portugueza ao Muatianvua 1884 1888.—Sob este titulo acaba o sr. Henrique Augusto Dias de Carvalho, chefe da expedição ao Muatianvua e major do Estado Maior de Infanteria, de publicar 3 volumes a saber: *Methodo Pratico para fallar A Lingua da Lunda, contendo narrações historicas dos diversos povos*, 1 vol. in-8° de 391 paginas, VII de prefacio, sete de dedicatoria á Sociedade de Geographia de Lisboa, cinco de indice, uma dedicada á ex.ma sr.a D. Rosa Christina Pires Terra, duas com os retratos dos srs. Francisco Maria da Cunha e Luciano Cordeiro, uma de dedicatoria ao sr. Aniceto dos Reis Gonçalves Vianna, uma dedicada á Sociedade de Geographia de Lisboa, frontespicio e ante-rosto. *Ethnographia e Historia Tradiccional dos povos da Lunda*, 1 vol. in-8° de 731 paginas precedidas de uma carta ao ill.mo ex.mo sr. conselheiro Henrique Barros Gomes e um retrato de s. ex.a, XX paginas de indice, frontespicio e ante-rosto, um *Mappa Geographico—Linguistico, Povos Tus ou Antus*, e grande numero de gravuras intercaladas no texto e impressas em separado. *Descripção da Viagem á Mussumba do Muatianvua*, vol. I *De Loanda ao Cuango* 1 vol. in-8° de 628 paginas precedidas de uma carta ao ill.mo e ex.mo sr. conselheiro Manoel Pinheiro Chagas, XXIII paginas de indice, uma de agradecimento aos ex.mos srs. A. R. Gonçalves Vianna, F. M. Esteves Ferreira, G. de Vasconcellos Abreu, J. A. Dias Coelho, J. C. Berkeley Cotter, J. Leite de Vasconcellos e M. Ferreira Ribeiro, uma pagina ás Sociedades de Geographia de Lisboa de Geographia Commercial do Porto, Associação Commercial e Atheneu Commercial da mesma cidade, uma aos benemeritos exploradores e viajantes portuguezes no Continente Africano, uma ao ex.mo sr. conselheiro Francisco Joaquim da Costa e Silva precedida do retrato de s. ex.a, uma ao ex.mo sr. conselheiro Manuel Pinheiro Chagas, precedida do retrato de sua ex.a, uma á Nação Portugueza precedida do retrato de Sua Magestade El-Rei D. Luiz, frontespicio e ante rosto, um *Esboço Chorographico Metereologico da Região Planaltica entre os rios Cuanza, Lucala, Cugo e Cuango*, e um mappa *contendo os itinerarios da expedição e diversos caminhos dos indigenas*, illustrado com grande numero de gravuras intercaladas no texto e impressas em separado. Imprensa Nacional, 1890.

E' uma obra vastissima e de alta importancia para a sciencia geographica em geral e para a Africa em especial, cuja apreciação desenvolvida não cabe nos limites d'esta secção, e por isso remettemos o leitor para o artigo especial a respeito d'esta obra que o Occidente publica n'outro logar

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA

MULHER LUNDA, PILANDO

Historia da Luzitania e da Iberia.—Recebemos o fasciculo n.° 20, ficando, assim, a parte distribuida do 1.° volume em pag. 640.

Esta obra, considerada por muitos escriptores distinctos uma das primeiraas e a primeira d'este seculo, consta de 3 grandes volumes. Impressão nitida, exornada de muitas gravuras de plantas e animaes das eras geologicas, dos primeiros productos da industria humana e das primitivas moedas hispanicas, dos numerosos caracteres do alphabeto luziberico e de um amplo mappa geographico das Hispanhas, contendo consideravel numero de povoações mais do que as inscriptas nos mappas até agora publicados, e do que as mencionadas pelos antigos escriptores.

Assignaturas: por fasciculos de 32 paginas, pagos no acto da entrega em Lisboa e nas terras em que houver estações postaes, 400 réis cada fasciculo; por volumes, paga adeantada, 6$000 réis cada volume. Depois de publicada, a obra custará 27$000 réis.

Cada um dos trinta exemplares da tiragem especial em papel Whatman, rubricados pelo auctor, 90$000 réis.

Está publicado o 1.° volume. Preço 9$000 réis.

As assignaturas por fasciculos podem começar do 1.° volume já publicado.

Assigna-se em Lisboa, Rua Ivens, 41, e nas principaes livrarias.

O Instituto *Revista scientifica e Litteraria*. vol. XXXVII. de maio 1890. segunda serie, n.° 11. Coimbra. O summario dos artigos contidos n'este numero é o seguinte: Historia do Beneplacito em Portugal (extracto), por José Pereira de Paiva Pita; Algebra, por Junio de Souza; Sobre a natureza das cousas — prefacio, apontamentos biographicos de Agostinho de Mendonça Falcão, por R. G.; O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (documentos); Historia do Infante D. Duarte, irmão de el-rei D. João IV. (extracto), por J. Ramos Coelho; Francisco Vieira Lusitano (apontamentos) biographicos), por Julio de Castilho; As tristezas de Ouvidio Nasão (poesia), pelo Visconde de Seabra; Fabulistas portuguezes (esbocetos) XXI. Sanches da Gama, por F. P.; Apolego, O osso a concurso (poesia) por José Augusto Sanches da Gama; Cartas do dr. José Monteiro da Rocha a D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho.

Tristezas á beira Mar *romance*, por M. Pinheiro Chagas, Collecção Antonio Maria Pereira. É este um dos primeiros trabalhos litterarios do laureado escriptor, que vem novamente a publico em nova edição. A critica do livro está de ha muito feita e o valor da obra vem agora confirmal-o mais esta, edição que faz parte da selecta collecção de romances que o sr. Antonio Maria Pereira está publicando a 200 reis cada livro.

Clinica Oculistica (5.° Boletim geral da) *fundada em 1879*. de F. Lourenço da Fonseca Junior etc. Este boletim abrange o movimento clinico do destincto medico oculista desde o mez de agosto de 1888 a junho de 1890. O numero de consultas realisadas nos ultimos cinco mezes do anno de 1888, foi de 605; no anno de 1889, foi 1:464; e no primeiro semestre d'este anno foi, 761. A media annual das operações realisadas é de tresentas. Dá tambem noticia de um novo processo para a extracção linear simples, de cataratas de capsula rija.

Typ. e lyth. de Adolpho, Modesto & C.a

Rua Nova do Loureiro, 25 a 43